

Mídia, terrorismo e (des)informação

FEDERICO CASALEGNO: Professor Chomsky, eu gostaria de iniciar nossa conversa falando sobre os eventos de 11 de Setembro. Podemos ressaltar que esta não é a primeira vez que os Estados Unidos foram atacados, mas desde 11 de setembro de 2001 falamos sobre um evento histórico. O que faz o 11 de Setembro um evento histórico?

CHOMSKY: O 11 de Setembro é um evento histórico devido ao tipo de atrocidades que a Europa está acostumada a conduzir a qualquer lugar, desde que dentro de um país ocidental. Para a Europa, é ainda mais dramático. A Europa tem tido séculos de condução de atrocidades ao redor do mundo, e nunca foi atacada. Quero dizer, houve alguns ataques menores, mas a Abissínia não invadiu a Itália, por exemplo. As atrocidades estavam lá, nunca dentro do lar. Então, isto é diferente. Esta é a primeira vez, o primeiro caso sério, há casos menores, todavia é o primeiro caso sério no qual uma das forças imperiais do ocidente foi ela própria atacada em uma maneira na qual ela comumente ataca os outros. Isto é perceptível no resto do mundo. Tomemos por exemplo a América Latina. Na América Latina, como em qualquer lugar, as atrocidades do 11 de Setembro foram veementemente condenadas. Mas quase sempre, com uma nota de rodapé: “Vamos dizer que se trata de uma atrocidade horrível, mas é familiar para nós”, e eles davam exemplos que lhes eram familiares. Por exemplo, um jornalista panamenho disse, “Sim, é uma atrocidade horrível. Muito similar ao bombardeio do bairro El Chorillo em 1989”. Quando, de acordo com as fontes panamenhas, por volta de três mil pessoas foram mortas num bombardeio numa vizinhança pobre. Esse foi durante a primeira invasão de George

Noam Chomsky

Pesquisador (MIT)

Entrevista realizada por Federico Casalegno (MIT) e traduzida por Adriana Amaral (Doutoranda do PPGCOM - PUCRS)

Bush no Panamá, chamada Operação Justa Causa. A operação foi uma tentativa de seqüestrar um assassino menor que já havia sido seqüestrado, com um custo muito considerável para o Panamá. Ele foi trazido para a Flórida, julgado e sentenciado por crimes que ele cometeu em sua maioria enquanto ele pertencia à folha de pagamento da CIA. Bem, eles não lembram disso no Ocidente, mas lembram disso onde aconteceu. E o mesmo é verdade em qualquer lugar. Então, é um evento histórico por causa do alvo, infelizmente não por causa das atrocidades. Há atrocidades muito piores.

F. CASALEGNO: Você tem trabalhado bastante a respeito das implicações políticas e sociais do terrorismo. Poderia nos lembrar a definição e a função do terrorismo?

CHOMSKY: Bem, no meu entendimento da definição, fico com a posição conservadora; apenas pegue a definição oficial dos EUA. Os manuais do Exército dos EUA, por exemplo, definem terrorismo como “a ameaça calculada ou uso da violência para obter metas políticas, religiosas ou ideológicas, conduzidas através da intimidação e da disseminação do medo”. Então, é uma definição bruta, mas creio que é uma boa definição. A definição assume autoridade ulterior, pois é um manual do exército do início dos anos 80, que saiu exatamente na época que a administração Reagan estava declarando guerra ao terrorismo. Lembre que a guerra ao terrorismo não foi declarada em 11 de Setembro, mas sim vinte anos antes. A administração Reagan veio a público anunciar que a guerra ao terrorismo, particularmente o terrorismo internacional direcionado ao estado, era a praga da era moderna, e que seria o foco da política exterior dos Estados Unidos, a retórica era quase a mesma que a de hoje. E, de fato, as mesmas pessoas estavam

envolvidas. Como resultado, a guerra corrente ao terrorismo, assim chamada guerra redeclarada, o componente militar foi conduzido por Donald Rumsfeld, que era naquela época o enviado especial de Reagan ao Oriente Médio, que era um foco da guerra ao terrorismo dos EUA. O outro foco era a América Central, a base dos EUA era Honduras. O embaixador norte-americano para Honduras era John Negroponte, que agora coordena o lado diplomático da guerra redeclarada às Nações Unidas. Os EUA lutaram aquela guerra conduzindo atrocidades terroristas massivas na América Central e no Oriente Médio, a assim chamada força terrorista-mercenária clandestina. E, de fato, foi tão severa que os EUA foram levados à Corte Mundial e condenados por terrorismo internacional. John Negroponte era o encarregado das forças que foram condenadas por terrorismo internacional. Rumsfeld era o encarregado do outro terrorismo internacional no outro centro. Sendo assim, o manual do exército, que foi trazido à tona nesse período, realmente assume autoridade ulterior, então fico feliz de usar aquela definição, pois tenho escrito sobre ela durante vinte anos, desde que a guerra foi declarada. E acredito que a natureza do terrorismo é bem clara. A função do terrorismo é exatamente o que a definição diz: obter fins políticos, ideológicos, religiosos ou outros através de intimidação, ameaça ou uso de violência, etc. Voltando ao presente, na verdade, o terrorismo internacional está anunciado abertamente como plano de ação oficial. Então, por exemplo, vamos falar sobre o bombardeio do Afeganistão. Quando o bombardeio começou, o presidente informou o povo do Afeganistão que o bombardeio continuaria até que a liderança se entregasse aos EUA, pois eram pessoas que os EUA suspeitavam de terem cometido um ato terrorista. Ok, este é o uso calculado da violência para intimidar, a fim de adquirir um fim político — pela definição norte-americana isto é terrorismo. Algumas

semanas depois disso, os alvos de guerra britânicos-norte-americanos haviam mudado. Lembremos que no começo o objetivo não era derrubar o regime, mas no final de outubro, depois de três semanas de bombardeio, eles alteraram os objetivos de guerra para derrubar o regime. E nesse caso o marechal Michael Boyce, que era o Chefe da Defesa Britânica, informou o povo do Afeganistão que “nós continuaremos a bombardear vocês, até mudarmos o seu governo”. Bem, vocês não poderiam ter um exemplo mais explícito de terrorismo, um exemplo de livro. Muito poucos europeus veriam algo estranho nisso. E está certo, quero dizer, a vocação da Europa durante centenas de anos tem sido conduzir o terrorismo internacional, ou agressão, ao redor do mundo. A Europa não conquistou o mundo distribuindo doces para crianças. A Itália não é uma grande jogadora nesse jogo, mas possui o seu recorde de horror, e outros possuem recordes piores. Os Estados Unidos, como uma ramificação da Europa, possui o mesmo recorde. Então, foi considerado como não-extraordinário na Europa, quando os Estados Unidos e a Inglaterra simplesmente anunciaram abertamente que estariam engajados em um terrorismo massivo internacional, sob o disfarce de guerra contra o terrorismo. Agora, afortunadamente por poder, os intelectuais ocidentais estão muito submissos, uma classe de pessoas obedientes. Acredito que você precisa trabalhar muito para encontrar alguém que aponte: vocês estão agora engajados em terrorismo internacional sob a sua própria definição, e por motivos óbvios, nomeiam terroristas aqueles que estão expressos na sua definição. E, além do mais, vocês têm praticado isso, no caso dos Estados Unidos, mesmo tendo sido condenados pela Corte Mundial por isto, e na verdade, é na maior parte da história européia. And furthermore you've been doing it, in the case of the United States. Se existissem tais coisas como, digamos, jornais e notícias televisivas, esta seria a manchete.

E, se um repórter marciano, vamos dizer que ele tivesse freqüentado as escolas de jornalismo de Columbia e Harvard e, acreditado em tudo que ele foi ensinado (vamos supor que existe uma pessoa como essa), se ele estivesse noticiando o que estava acontecendo, as manchetes seriam essas. Tudo que eu acabei de falar. Há uma redeclarada guerra ao terrorismo, conduzida pelas mesmas pessoas que foram condenadas pela Corte Mundial por terrorismo internacional quando eles declararam a guerra na primeira vez, e agora eles estão anunciando novamente que eles estarão de novo envolvidos em terrorismo internacional. Não conheço uma exceção histórica a isso, mas o termo terrorismo é usado por cada estado, cada sistema de poder, para referir-se ao terrorismo que “eles” conduzem contra nós, não para o que “nós” conduzimos contra eles. Esta é a verdadeira definição. E se há uma exceção a ela, eu não a encontrei.

F. CASALEGNO: Esta é a razão pela qual o bombardeio no Afeganistão poderia aparecer como a única solução possível?

CHOMSKY: Pegue o caso incontroverso, a guerra terrorista dos EUA contra a Nicarágua, novamente incontroverso porque temos os julgamentos das mais importantes autoridades internacionais. Aquela foi muito mais séria do que a de 11 de Setembro. A guerra matou mais de dez mil pessoas, praticamente destruiu o país e eles nunca se recuperaram. Bem, a Nicarágua poderia ter colocado bombas em Washington, creio eu, mas eles não fizeram. Sábia e apropriadamente. Em vez disso, foram para a Corte Mundial com um caso responsabilizando os Estados Unidos por terrorismo internacional. Eles venceram o caso. Quando os EUA rejeitaram o julgamento, eles foram ao Conselho de Segurança, que debateu a resolução, mas os EUA a vetaram. Então, eles foram à Assembléia Geral que passou

a resolução, com apenas a oposição dos EUA e de Israel, e El Salvador opôs-se a um caso. E depois disso, eles estavam encerrados, não havia mais nada que pudessem fazer. Se os EUA perseguem o caminho, ninguém o bloqueia. Mas, é claro, isto requereria evidências. De fato, o Talibã pediu por evidências de que os suspeitos eram culpados. E isto foi apenas repudiado com desprezo. “Nós exigimos que vocês os entreguem a nós, não temos que lhes fornecer evidências. Somos um grande poder, fazemos o que queremos”. Nenhum país no mundo entregaria alguém sem evidência. Mas uma vez que somos um grande poder, você faz o que dizemos. Então, conseqüentemente, isto foi rejeitado. Mas a aproximação apropriada, que é difícil, seria encontrar evidência, ganhar autorização internacional do Conselho de Segurança, apreender os criminosos que tivessem evidências fortes, e então se necessário usar força com a autorização do Conselho de Segurança. Isto não seria necessário. Por exemplo, o Talibã, mesmo sendo horríveis como são, estava sugerindo negociações. Por mais que eles estivessem sendo sérios ou não, nós não sabemos porque eles foram instantaneamente rejeitados. Mas é assim que os Doms da Máfia operam, e os grandes poderes que seguem as mesmas regras. Se um Dom da Máfia quer coletar dinheiro de alguém que não lhe pagou o dinheiro da proteção, o Dom não vai às cortes pegar uma ordem, mesmo que ele pudesse. O que o Dom faz é enviar os seus capangas para bater neles, ou qualquer coisa do gênero. E esta é a maneira pela qual os grandes poderes trabalham – você não se submete à autoridade externa, você faz o que quer. Na verdade, existe até um nome para isso na literatura de relações internacionais, na literatura da diplomacia. É chamada “credibilidade estabelecida”. Novamente, qualquer Dom da Máfia poderia entendê-la. As pessoas têm que temer você. E eles não têm medo de você se você se submete às autoridades superiores. Então você apenas

usa violência, sob a definição de terrorismo ou agressão. E isto é considerado uma coisa boa. Quando os EUA e a Inglaterra bombardearam a Sérvia, por exemplo, o maior argumento dado por eles foi (de fato o único argumento sério) que “nós precisamos estabelecer credibilidade. As pessoas têm que nos temer”. De novo, qualquer Dom da Máfia entenderia.

F. CASALEGNO: O título da palestra recente que você deu aqui em Cambridge, no MIT, era “A Nova Guerra Contra o Terror”. Por que podemos falar sobre uma “nova guerra”? Onde está a novidade real e, em segundo lugar, considerando o que você acabou de dizer, poderíamos postular que a novidade real dessa guerra poderia ser repensar profundamente a política externa americana?

CHOMSKY: Bem, foi uma nova guerra ao terrorismo. A primeira guerra ao terrorismo vinte anos antes foi apenas violência imperial padrão, sob o pretexto de defesa contra o terrorismo. Não havia forma crível para atacar, conduzir atrocidades na América Central e fingir que era defesa contra os russos. Quero dizer, eles tentaram isso, mas não poderia ter sido levado muito a sério. Então era defesa contra o terrorismo. Foi o mesmo com o Oriente Médio e outras partes do mundo. Essa guerra é diferente. Houve um ataque terrorista de verdade contra os Estados Unidos, uma atrocidade terrorista muito séria. Esta é a primeira vez, isto não havia acontecido antes. Então, chamá-la de guerra contra o terrorismo nessa segunda vez não é tão completamente absurdo como era da primeira vez. Por outro lado, há formas de lidar com o terrorismo. Por exemplo, Nicarágua ou Panamá ou Haiti ou Cuba, uma longa lista de outros países, não são autorizados conduzir bombardeios ou guerra biológica dentro dos Estados Unidos em vingança pelo terrorismo, que é muito claro nesse caso. Eles não são

autorizados a fazer isso, não importando o quão severo o terrorismo seja. Então há maneiras apropriadas e inapropriadas de responder ao terrorismo, e as maneiras apropriadas não estão sendo sequer contempladas. Este é um grande poder, “fazemos o que queremos”. Então a guerra é nova, no sentido de que dessa vez ela possui algum tipo de pretexto. Mas se você olhar a maneira como ela tem sido conduzida, é muito familiar. O ataque ao Afeganistão terminou, não era uma meta de guerra, mas ela terminou eliminando um regime terrível. Mas provavelmente instituindo algo que será muito similar. De fato, reposicionou pessoas, senhores de guerra, que conduziram as piores atrocidades na história do país, há apenas dez anos. E quaisquer que sejam as conseqüências, o custo para a população é muito severo. Nós nunca saberemos qual é, porque não será investigado. Mas vale a pena lembrar que esta guerra foi conduzida pela hipótese de que colocaria milhões de pessoas em risco de fome e morte. Além do mais, essa mesma hipótese foi deslocada depois do final da guerra. Em dezembro, as oito agências (Nações Unidas e outras) se encontraram em Viena. E ainda continuavam a dar as mesmas estimativas. Eles ainda disseram, “Olhem, milhões de pessoas estão em risco”. E se olharmos agora isto parece ser o que está acontecendo. Mas quer aconteça ou não, é a hipótese na qual foi baseada que é monstruosa. Mas é claro que não levantou nenhuma crítica na Europa porque é normal. É a maneira como tratamos outros povos. Como para os outros aspectos da assim chamada guerra contra o terror, é sobre o que esperamos. Cada força repressiva e violenta entendeu isso como uma janela de oportunidade para perseguir sua própria agenda de forma mais frouxa. Assim a Rússia juntou-se vivamente à guerra contra o terrorismo porque queria a autorização dos EUA para as suas próprias atrocidades monstruosas e terroristas na Chechênia. O mesmo com a China e a

China Ocidental. O mesmo com Israel e os territórios ocupados. Nas sociedades mais democráticas, a oportunidade tem sido usada para introduzir legislação dura e repressiva, para impor obediência à população, torná-la mais submissa, aumentar a autoridade do estado. E também para colocar em prática programas que eles sabem que a população não aceitaria. Assim, nos Estados Unidos, por exemplo, isto é tomado imediatamente como uma oportunidade de reduzir taxas numa tentativa de remover o apoio aos sistemas sociais, para destruir o ambiente, para fazer acordos com companhias de petróleo, para introduzir acordos que a população se opõe. Obviamente é uma janela de oportunidade para isso. E isso está acontecendo em todas as partes do mundo. Muitos países possuem o que eles chamam de leis de “proteção contra o terrorismo”, ou algo do tipo, que são apenas esforços para enfraquecer o poder do estado e para fazer a população mais submissa e obediente. Esta é forma como você espera que a crise seja utilizada, é a forma como ela é utilizada.

F. CASALEGNO: Você poderia nos dizer qual é a meta real dos ataques de 11 de Setembro?

CHOMSKY: Bem, primeiramente para responder a isso teríamos que identificar os perpetradores. E eu acredito, como todo mundo, que provavelmente seja a rede Al-Qaeda ou outros muito parecidos com eles. Alguns capangas dos grupos radicais islâmicos que foram organizados pela CIA e pelos seus associados na década de 80. Provavelmente eles são os perpetradores. Então quais seriam as razões deles? Bem, eles têm nos dito há 20 anos. Eles são muito abertos em relação às razões. De fato, Osama Bin Laden pode ser acusado de muitas coisas, mas não de não ser direto e aberto. Ele tem milhares de fitas circulando no mundo árabe dizendo

exatamente o que ele pretende. Eles vão levar os infiéis para fora das terras do Muslim, e vão remover os corruptos e os estados islâmicos da região, e substituí-los pelo seu próprio tipo de islamismo radical. É o que eles dizem e o que eles fazem, e tenho todas as razões para supor que esta é a intenção deles. Agora, esses são os perpetradores. É claro que eles clamam por uma reserva, como qualquer terrorista, eles apelam por uma reserva de algum tipo de apoio solidário. Talvez odiado por eles, mas apoiado pelos seus objetivos. E tudo isso está em todo o mundo do Muslim, o mundo árabe e, de fato, muito do mundo. Se você escuta o Bin Laden, ele enfatiza coisas que ele talvez não creia, mas que os ouvintes dele crêem. Nomeia que os EUA é um alvo por estar ocupando as terras sagradas, que no ponto de vista dele é a Arábia Saudita. É como os russos ocupando o Afeganistão, mas muito mais sério. Pois a Arábia Saudita é o local dos lugares mais sagrados. Além do mais, os EUA têm apoiado ditaduras corruptas e brutais na região, que estão conduzindo um ataque devastador contra a população do Iraque, enquanto apóia e dá mais força a Saddam Hussein. E, como ele afirma, os EUA e a Grã-Bretanha apoiaram Saddam Hussein diretamente em suas piores atrocidades. E apoiando a ocupação israelita do território palestino, que é a maior polêmica no mundo Árabe. Então você olha as votações de opinião pública no Egito e 80% da população afirma que essa é a maior questão. Então esta é uma reserva de apoio. E as pessoas fingem que não conhecem as razões. Então George Bush pergunta por que eles nos odeiam quando somos tão bons e é tarefa dos intelectuais criar todos os tipos de razões complicadas sobre a globalização e a democracia, etc. Mas esta não é a razão. Todo mundo sabe disso. Se você voltar quarenta e cinco anos, ao fim dos anos 50, nós agora temos gravações desclassificadas, e é exatamente a mesma coisa. O presidente Eisenhower em 1958 identificou três questões cruciais para

os Estados Unidos: Indonésia, África do Norte e Oriente Médio. Todos os países islâmicos. Todos os produtores de petróleo. Ele enfatizou vociferando que não havia nenhum envolvimento russo em nenhum deles, que é muito característico do período da Guerra Fria. Ele também indicou à sua equipe, estou virtualmente citando ele, que “há uma campanha de ódio contra nós no mundo árabe. Não pelos governantes, mas sim pela população”. E as razões foram compreendidas. O Conselho Nacional de Segurança observou que há uma percepção no mundo árabe que os Estados Unidos apóiam regimes corruptos e repressivos que bloqueiam a democracia e o desenvolvimento, e eles fazem isso por causa do interesse em controlar o petróleo da região. E eles dizem que é muito difícil de conter essa percepção, porque ela está correta. É o que fazemos e o que está certo para nós fazemos. Então sim, há uma campanha de ódio contra nós, 45 anos atrás. E é a mesma campanha de hoje, e pelas mesmas razões.

F. CASALEGNO: Você acaba de mencionar o papel dos intelectuais e a sua importância na criação de uma opinião pública. Eu gostaria de perguntar a sua opinião sobre a relação entre o poder da mídia e o poder político.

CHOMSKY: Deixe-me falar dos dois países que possuem a tradição mais longa em democracia política: a Inglaterra e os Estados Unidos. Se você retoma a Inglaterra e os Estados Unidos, provavelmente a imprensa mais livre foi a do século 19. Naquele ponto, a imprensa estava com uma grande parcela nas mãos da classe trabalhadora, era independente, atingia uma enorme quantidade de pessoas. De fato, a imprensa independente, trabalhadora, estava na mesma escala que a imprensa comercial, talvez até maior. Houve esforços na Inglaterra para tentar suprimi-la pela força, pelas taxas

e tal. Não funcionou. O que funcionou, entretanto, foi a concentração de capital. Como capital concentrado, a imprensa popular, mesmo que estivesse atingindo um enorme número de pessoas, não podia competir com a imprensa capitalista, que possuía fontes muito mais vastas, e podia contar com a publicidade. E ninguém iria, nenhuma companhia iria fazer publicidade numa imprensa que dizia, “Vamos derrubar o sistema capitalista”. É uma imprensa da classe trabalhadora. Então com a concentração de, com a confiança na publicidade e no investimento de recursos capitais, foi gradualmente possível ao longo dos anos eliminar a imprensa independente. Não totalmente, mas largamente. Então, nos anos 60 na Inglaterra, o último jornal popular massivo não conseguia ir longe. Nos Estados Unidos é quase a mesma coisa. A imprensa hoje é avassaladora, quero dizer a imprensa e a televisão, são corporações enormes que estão no negócio de vender audiências a outras corporações. E, de fato, como você mencionou, a mídia tem ficado cada vez mais estreita em concentração. Agora são apenas poucos conglomerados enormes. Lembre que a corporação é um sistema totalitário. É como um estado totalitário. Internamente é completamente totalitário em estrutura, e é em maior parte injustificável para o público, exceto através de limitados aparatos reguladores, os quais ele tenta destruir. Então a mídia está cada vez mais na mão das tiranias privadas, que se encontram no centro do controle do sistema econômico. E uma vez que poder político e econômico estão estreitamente relacionados, não é uma unidade mas é um sistema de poder muito intimamente interligado, que é tanto ideológico quanto econômico e político. E tem se tornado cada vez mais ao longo do tempo, como capital concentrado.

F. CASALEGNO: O que você está dizendo nos faz destacar a importância da pluralidade da mídia e do acesso à

informação. E especialmente se nós considerarmos o debate democrático em nossas sociedades.

CHOMSKY: Isto é muito importante, mas estou apenas descrevendo um aspecto dele. A parte formal. Há também uma parte informal que tem se desenvolvido à margem. As pessoas não estão dispostas a serem escravas, então elas encontram outras formas de comunicar e de se organizar quando a mídia essencialmente desaparece, outros meios de comunicação. E na verdade, isto tem acontecido. Então, por exemplo, a internet tem sido utilizada muito ampla e efetivamente para a organização popular e para comunicar informações que não aparecem na imprensa. E por agora temos praticamente duas culturas separadas. Quero dizer, a diferença entre elas é radical. Então, por exemplo, se na edição de hoje pela manhã do New York Times, na seção de negócios, houver uma matéria sobre problemas contábeis, como o escândalo Enron, a matéria não mencionará as mudanças que estão acontecendo dentro do quadro do GATS, o Acordo Geral sobre Comércio em Serviços. E o repórter dirá que ninguém, esta será a palavra dele, ninguém nunca protestou contra o GATS, apesar dos protestos contra a Organização Mundial de Comércio. Bem, o fato importante é que todos estão protestando o GATS, este é o principal tópico de preocupação para os movimentos de protesto. Os protestos em Gênova, Seattle, Quebec e Porto Alegre. GATS é o centro das suas preocupações. E certamente, porque os acordos GATS são um enorme ataque à democracia. Eles foram designados para tomar a maior parte da arena pública e colocá-la em mãos privadas. E enormes números de pessoas ao redor do mundo sabem disso, e são bastante abertas e francas em seus protestos a respeito disso. Mas o New York Times não poderia saber disso, porque para saber isso você teria que escutar o que as pessoas estão dizendo. E há uma espécie de lei para a mídia que é quando

há um grande protesto você não escuta o que as pessoas dizem, você apenas presta atenção em alguém quebrando uma janela em algum lugar, talvez um provocador da polícia. É a única coisa que você é permitido de reportar. Então, o que as pessoas estão dizendo nos seus encontros e fóruns, isso você não pode contar. Entretanto, a população geral sabe disso. Quero dizer, eu estava em Porto Alegre, todos sabiam sobre o GATS, assim como em Quebec e em todos os lugares. E eles estão pegando suas informações ao redor da mídia, e em outros meios. Agora existem esforços para controlar a internet. A internet foi uma criação pública, é claro. Como a maior parte da economia, foi criada no setor da dinâmica do estado, e então transferida para mãos privadas quando se tornou lucrativa, apenas há alguns anos, em 1995. E desde então tem havido um esforço de controlá-la, e para evitar usá-la como meio de comunicação e informação. Mas é muito difícil, e no caso da internet não tem funcionado. Também porque publicação alternativa com nova tecnologia é muito mais barata de publicar. Quero dizer, num país de Terceiro Mundo ou em uma comunidade aqui, com recursos muito limitados você pode publicar. Você sabe, com um laptop e uma impressora de 100 dólares, você pode publicar e distribuir. Então há formas que são realmente utilizadas para escapar da concentração da mídia. E agora existem movimentos populares ao redor do mundo, ou numa escala que eles nunca haviam atingido antes. Porto Alegre é um caso e um ponto. E pela primeira vez está acontecendo uma cena genuinamente internacional, pessoas do Brasil, Europa, Estados Unidos, África, quero dizer de todo o mundo, com interesses e objetivos comuns. É algo bastante novo. Mas é claro que a mídia não quer que ninguém saiba disso, naturalmente.

F. CASALEGNO: Como você define ou

julga a forma como a mídia está cobrindo a crise?

CHOMSKY: A crise Israel-Palestina? Bem, deixe-me voltar aos EUA sobre o qual posso falar melhor. Neste momento, há muita discussão sobre o plano de paz da Arábia Saudita, que é considerado uma coisa maravilhosa e nova e que deve abrir novas possibilidades. É a primeira vez que os estados árabes estão dispostos a reconhecer Israel. Vamos voltar ao nosso jornalista marciano que acreditou em tudo que aprendeu na escola de jornalismo de Harvard e Columbia. Aqui está o que ele contaria. Ele estaria dizendo: o plano de paz saudita é uma repetição virtual da proposta do Conselho de Segurança das Nações Unidas em 1976, que era apoiado por todos os estados árabes, a OLP, na verdade, por todo mundo, e foi vetado pelos Estados Unidos. Um esqueleto do que era o mesmo plano foi renovado aproximadamente cinco anos depois, em 1981, e novamente foi bloqueado por Israel e pelos Estados Unidos. E desde então tem havido uma série de planos e propostas do mundo árabe, dos palestinos, da Europa, e todas foram bloqueadas pelos Estados Unidos e Israel. E além do mais, isto continua até o presente momento. Então em dezembro de 2001, o Conselho de Segurança debateu uma resolução proposta pela União Européia, nesse caso, em um esforço para reduzir a violência na região, de forma óbvia, introduzindo monitores internacionais, que realmente reduziriam a violência. E então para deslocar-se além através de uma implementação do plano oficial dos EUA, o plano Mitchell. Bem, este foi vetado pelos Estados Unidos. Foi imediatamente para Assembléia Geral, a mesma resolução oposta pelos EUA que a vetou. Uma semana mais cedo houve um encontro em Genebra convocado pela Suíça, sobre as convenções de Genebra. Virtualmente todos compareceram, toda a Europa. Os EUA boicotaram tanto a reunião que a mataram. Mas as decisões foram que

as convenções de Genebra aplicam-se aos territórios ocupados, o que significa que tudo que os EUA e Israel estão fazendo não é só ilegal mas de fato um crime de guerra, uma grave brecha nas convenções de Genebra. E como a mídia relatou isso? Muito facilmente. Não dizendo uma palavra sobre o assunto. Então as únicas pessoas que sabiam disso nos EUA eram as pessoas que se informam por redes informais. Mas não há uma matéria sobre isso.

F. CASALEGNO: Professor Chomsky muito obrigado por essa conversa.

CHOMSKY: Obrigado .